

**PULSÃO DE MORTE NAS ADIÇÕES:
CARACTERÍSTICAS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA QUE
INFLUENCIAM NA DROGADIÇÃO**

Bianca Soares de Arruda¹ e Taynara Pereira de Sousa²

Fernando Figueiredo dos Santos e Reis³

Centro Universitário UniEvangélica

Nota do Autor

- 1- Estudante concluinte do curso de Psicologia do Centro Universitário UniEvangélica de Anápolis;
- 2- Estudante concluinte do curso de Psicologia do Centro Universitário UniEvangélica de Anápolis;
- 3- Psicólogo, mestre em Psicologia Social, professor orientador do curso de Psicologia do Centro Universitário UniEvangélica de Anápolis.

Resumo

Este artigo propõe discutir as relações sociais, o modo de vida na contemporaneidade e sua possível relação com a adição, tendo em vista que o consumo de drogas está presente em todo o contexto histórico da humanidade, assumindo diversas finalidades, desde aspectos curativos, até o entretenimento. Foram levantadas algumas questões como a influência da contemporaneidade no toxicômano, a sociedade do consumo exacerbado e a perspectiva psicanalítica na constituição desse sujeito.

A contemporaneidade nos apresenta uma sociedade do consumo, desta forma o ritmo reverenciado e estabelecido para o consumo acaba por criar falsas necessidades que alimentam o falso desejo do indivíduo alienado na busca pelo objeto do consumo, sendo que não há produto que sacie ou que tampe o vazio existente em seu Eu. A pulsão de morte, neste contexto, se manifesta como resposta ao excesso de sofrimento produzido pelo excesso de trabalho psíquico vivido pelo sujeito na sociedade atual. Há uma valorização muito grande do ato de consumir, assim a droga, em alguns casos, ocupa um lugar perigoso na subjetividade do indivíduo, fazendo com que a realidade, em muitos casos, seja insuportável sem algo para anestesia-la. Até certo limiar, a angústia coloca o sujeito em movimento. Contudo, quando esse limiar é ultrapassado o sujeito esbarra em um ponto de impedimento onde se aprisiona a droga.

O objetivo desta pesquisa é realizar uma leitura psicanalítica dos aspectos sociais da relação entre dois fenômenos: A contemporaneidade e as adições na atualidade. Propondo assim um olhar sobre o consumo de drogas a partir do conceito de pulsão de morte sobre uma perspectiva teórica Freudiana e Lacaniana.

Palavras-Chave: Adição, Drogadição, Psicanálise, Pulsão de morte.

A Droga em Seu Contexto Histórico

O consumo de drogas pelos homens acompanha toda a história da humanidade. No período paleolítico os homens já experimentavam raízes e alimentos naturais que modificavam sua consciência e a partir da revolução do neolítico, com o cultivo de outros alimentos, o homem passou a acumular diversos conhecimentos farmacológicos, complexos e eficazes para algumas doenças, além de conhecimentos sobre fermentação de alimentos que tinham efeitos psicoativos (Escohotado, 1998).

Em um recorte temporal, a partir dos primeiros usos culturais, as drogas assumiram diversas finalidades sociais, que vão dos aspectos curativos utilizados pelo saber popular, mediante o poder da tradição ao religioso, como também aos mais recentes usos das drogas como matéria-prima das ciências biomédicas, para entorpecer o sofrimento causado pelas condições das relações caóticas e dessensibilizadas do homem na modernidade. Por isso, é importante saber que o manuseio e os sentidos atribuídos às drogas foram redefinidos de acordo com o contexto histórico, desde os modos primitivos do homem até a sua concepção contemporânea como objeto das ciências, passando pelo emprego lúdico, místico, comercial e agora, essencial para a sobrevivência na coletividade. Chamadas de drogas ou medicamentos – de acordo com a conveniência das relações de poder – alguns desses componentes podem lesar e matar em quantidades relativamente pequenas. Eles também podem ser chamados de venenos, já que é característica de todas as drogas serem tóxicas ou venenosas (Sanare, 2017).

Contudo, localizando-se nas tramas da história, a apropriação das substâncias psicoativas sintéticas e naturais pelas ciências no final do século XIX e início do XX suscitou ações estatais baseadas na criminalização das pessoas que produziam, comercializavam e consumiam, fundamentalmente, substâncias vetadas pelo estado, conhecidas popularmente como drogas ilícitas (Sanare, 2017).

As buscas por drogas psicoativas para alteração dos estados de consciência mantem-se presente na humanidade, podendo ser comparada com o impulso associado à satisfação de necessidades básicas (fome, sede e desejo sexual). As drogas possuem muitos efeitos, desde a luta contra dor e o sofrimento, até a busca de um aumento de excitação, seja corporal, psíquico ou sexual (Carneiro, 2010).

A sociedade moderna está imersa em uma cultura hedonista e imediatista. Lasch (1983), assevera que nessa cultura em que se prega o consumo, todo e qualquer objeto se torna profundamente desejado e rapidamente torna-se desatualizado e descartável.

A exacerbada valorização da imagem e a submissão frente às imposições da mídia, tendo como consequência direta a produção de “valores e necessidades” na contemporaneidade, caracterizam o que Debórd (1997), por sua vez, denominou como “a sociedade do espetáculo”, já que valoriza a imagem e a aparência.

Pulsão de Morte nas Adições

Segundo os escritos de Roudinesco & Plon (1998), o termo Pulsão surgiu na França em 1625, derivado do latim *pulsio*, para designar o ato de impulsionar. Empregado por Sigmund Freud a partir de 1905, tornando-se um grande conceito a doutrina psicanalítica, definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem. Nessa perspectiva, o conceito de pulsão é responsável por estabelecer a correlação entre o somático e o psíquico, configurando-se na base para compreender o corpo em sua erogeneidade.

A pulsão consiste num estímulo endógeno advindo do corpo e direcionado ao psiquismo, e que se diferencia, portanto, dos estímulos endógenos de ordem fisiológica. Estímulo é uma excitação que produz alguma reação ou modificação em seu receptor. A pulsão serve de causa para o trabalho contínuo do aparelho psíquico (Salim, & Santos, 2018).

Como descrito no dicionário de psicanálise de Roudinesco & Plon (1998), em 1920, com a publicação de “Além do princípio de prazer”, Freud instaurou um novo dualismo pulsional, opondo as pulsões de vida às pulsões de morte. A particularidade dessa nova elaboração conceitual residiu em seu caráter especulativo. Todavia, foi a partir da observação da compulsão à repetição que Freud pensou em teorizar aquilo a que chamou de pulsão de morte. De origem inconsciente e, portanto, difícil de controlar, essa compulsão leva o sujeito a se colocar repetitivamente em situações dolorosas, réplicas de experiências primárias. O estabelecimento de uma relação entre essas observações e a constatação de ordem filosófica de vida é inevitavelmente precedida por um estado de não-vida conduziu Freud a hipótese de que existe uma pulsão cuja finalidade é conduzir o que está vivo ao estado inorgânico. A pulsão de morte tornou-se, assim, o protótipo da pulsão, na medida em que a especificidade pulsional reside nesse movimento regressivo de retorno a um estado anterior. Mas a pulsão de morte não poderia ser localizada ou sequer isolada, não podendo estar ausente de nenhum processo de vida, ela se confronta permanentemente com as pulsões de vida, reunião das pulsões sexuais e das pulsões agregadas. Da ação conjunta e oposta desses dois grupos de pulsões, pulsão de morte e pulsão de vida, provem as manifestações da vida (Roudinesco, & Plon, 1998).

Como destacado por Salim & Santos (2018), a neonecessidade da toxicomania é embasada não somente na fisiologia, mas também no funcionamento pulsional. A toxicomania é um modo de existir em que a droga se torna central, funcionando como objeto privilegiado da pulsão. A exclusividade da droga, na obtenção de prazer, é um indicador de um estado de toxicomania. É comum notamos como as pessoas vão abandonando suas rotinas, concentrando-se apenas em sua relação com a droga, seu objeto de consumo. Com efeito, somente com a droga pode obter o que nenhum prazer pode alcançar. Havendo assim, uma construção e busca de manutenção de uma espécie de prazer inesgotável. Existindo uma fixação a essa forma de obtenção de prazer imediato e inatingível por outros meios (Pereira, & Migliavacca, 2014).

Dessa forma, pode-se dizer que no tratamento do toxicômano, não é da ordem do sintoma que emerge do desejo inconsciente, mas de escravidão a um objeto. Assim, a descoberta da droga é marcada por uma promessa de liberdade: seus efeitos são capazes de produzir de imediato sensação prazerosa, além de propiciar um alívio diante às exigências da sociedade, tornando-se o grande atrativo da droga. No entanto, ao comparar essa promessa de liberdade o sujeito se depara com a subordinação aos mandatos de um objeto, que o condena à escravização de seu corpo. A droga se apresenta em seu discurso como um artifício que mascara o sintoma, impedindo que o mesmo seja transformado em enigma (Vianna, 2011).

Em uma passagem de "O mal-estar na civilização", Freud (1930 [1929]/1996), trata da busca das pessoas pela felicidade, relacionando com o princípio do prazer, trazendo a felicidade como satisfação pulsional que é recalçada diante das imposições da civilização. Freud aponta para o caráter passageiro da felicidade. Contudo, o autor destaca que se esta satisfação se prolongar, ela será mais amena.

Em sua abordagem sobre o que define como um “amortecedor de preocupações” (Freud, 1930[1929], p. 85), Freud aponta a droga como um dos principais recursos para lidar com o mal-estar da cultura:

Contudo, os métodos mais interessantes de evitar o sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo. Em última análise, todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado. O mais grosseiro, embora também o mais eficaz, desses métodos de influência é o químico: a intoxicação. Não creio que alguém compreenda inteiramente o seu mecanismo; é fato, porém, que existem substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou nos tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando, também, tanto

as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis (Freud, 1930[1929]/1996 p. 85-86).

Segundo Reis (2015), a droga traz em alguns casos a promessa de que todas as necessidades podem ser satisfeitas pelo consumo, apoiando-se assim na busca dos homens pela completude e pela felicidade. Quando a pessoa não se sente feliz é porque não consumiu o suficiente, ou a coisa certa, é o que sugere a ideologia. Desta forma o ritmo reverenciado e estabelecido para o consumo acaba por criar falsas necessidades que alimentam o falso desejo do indivíduo alienado na busca pelo objeto do consumo, sendo que não há produto que sacie ou que tampe o vazio existente em seu Eu. O investimento libidinal nesses objetos, que, em uma observação desatenta, poderia considerar-se investimento objetal, na verdade é um investimento narcísico, pois não há utilidade nenhuma sendo satisfeita no ato de consumir.

As drogas, enquanto bens de consumo, tem o diferencial da sensação física e emocional que produz por meio da alteração química do corpo. Torna-se o produto mágico, aquilo que, se consumido, trará na carne todo o êxtase prometido pela ingestão e buscado desde o abandono do seio materno. As alterações químicas no cérebro, provocadas por algumas drogas que oferecem ao sujeito um prazer imensamente maior que qualquer outro, tornam-se atrativos sedutores a quem espera a felicidade plena e instantânea, contudo efêmera. “Avido a sentir-se bem novamente – ou seria não sentir? – completa-se o ciclo do consumo, buscando o prazer da primeira dose” (Reis, 2015, p.69).

Vianna (2011) afirma que embora a ingestão da substância propicie um efeito imediato de prazer e satisfação, a dependência física e emocional produz sofrimento, pois em alguns casos aprisiona o sujeito a um modo de satisfação libidinal exclusivamente através de uma substância. Esse aprisionamento remete a outra modalidade de obtenção de prazer regulada pelo regime do gozo, neste circuito, só o recurso solitário da droga satisfaz.

Com isso, o sujeito passa a não reconhecer outras formas de busca de prazer. Aqui nos deparamos com o paradoxo das promessas da droga: embora o consumo da substância esteja relacionado ao alívio da dor ou do sofrimento, quando a pulsão destrutiva fala mais alto, a compulsão pelo consumo da droga se instaura. De alívio da dor e anestesiamiento do sofrimento, a função do uso da droga sob o regime do gozo se reverte para uma busca de satisfação no sofrimento. A compulsão à droga não decorre, portanto, apenas do encontro com a substância. É o sujeito que faz dela o seu objeto privilegiado de um mecanismo que é próprio da pulsão: “a compulsão à repetição, cuja principal característica é a irresistível atração pelo sofrimento”, como assinala Rudge (1998).

Pulsão de Morte, Contemporaneidade e o Consumo de Drogas

Como assevera Tavares (2010), cada época possui suas características únicas. Estas, por sua vez, são sempre determinadas por condições de possibilidades específicas de seu tempo. Da mesma forma, nossa atualidade apresenta registros socioculturais e simbólicos que emergem das condições e possibilidades atuais e que permitem constituírem-se determinados tipos de configurações políticas, sociais e culturais vigentes em nossos dias. Em todos os períodos da história o homem produziu determinados sistemas de valores, regras sociais, padrões de condutas e comportamentos, ética, tendências culturais e leis. Como também, em consequência dessas características pertencentes ao seu tempo, produziram-se determinadas formas de subjetividade, tanto individuais quanto sociais/coletivas.

Para Santos (2002), nos tempos atuais está havendo a consolidação de um sistema econômico que afeta a todos e permeia as relações humanas. Vive-se atualmente uma época marcada essencialmente pelo consumo exacerbado. Este traço da contemporaneidade acaba por permear todo o modo de vida atual. O ritmo cultuado e estabelecido para o consumo acaba por criar falsas necessidades que alimentam o desejo do sujeito alienado na busca pelo objeto do consumo. Assim, os desejos alienados de consumo, uma vez satisfeitos, são rapidamente substituídos por outros por meio do ritmo incessante do consumismo (Stacechen & Bento, 2008).

É na passagem da modernidade para a nossa atualidade pós-moderna (Bauman, 1998) que podemos perceber com mais clareza todas as nuances e sutilezas produtoras de mal-estar a que estamos submetidos no nosso cotidiano. O conceito de “mal-estar” referido, diz respeito ao formulado por Freud (1930[1929]/1996), quando este reconhece o homem ocupando um lugar de eterna incompatibilidade entre suas necessidades individuais frente às exigências sociais e culturais.

A drogadição, apresenta-se atualmente, como uma expressão do mal-estar contemporâneo. Por isso, a contextualização socioeconômica de hoje é relevante, quando se constata ser a toxicomania uma das patologias de maior incidência na atualidade. Conforme Birman (2005), dentre todas as patologias que o trabalho clínico em psicanálise nos permite observar, esta é uma das principais causas de procura por tratamento e a que mais tem proliferado nas últimas décadas, gerando assim renda ao mercado.

Por mais que o uso de drogas psicotrópicas seja tão antigo quanto a própria humanidade, remetendo a períodos remotos, como a pré-história, é justamente a partir da metade do século XIX que o uso de drogas vem aumentando de forma significativa em âmbito global. Entre as

razões atribuídas a este acréscimo do uso nas últimas décadas, podemos citar de antemão a disponibilidade das drogas, expansão das comunicações e transportes, fatores socioeconômicos, migração, rápida urbanização e mudanças nas atitudes e de valores na sociedade, assim como a expansão do crime organizado e uma lógica que visa o lucro (Carvalho, 2010).

Segundo Reis (2015), o consumo, produção e comercialização de drogas atualmente é uma das atividades que mais giram capital e investimentos no mundo, sejam essas drogas lícitas ou ilícitas. Todo ser humano que vive em área urbana provavelmente já teve contato com algumas dessas substâncias, seja por necessidade ou uma forma de divertimento.

Devido a isso, entre maio e outubro de 2015, pesquisadores entrevistaram cerca de 17 mil pessoas com idades entre 12 e 65 anos, em todo o Brasil, com o objetivo de estimar e avaliar os parâmetros epidemiológicos do uso de drogas. O 3º Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira foi coordenado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e contou com a parceria de várias outras instituições, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto Nacional de Câncer (Inca) e a Universidade de Princeton, nos EUA (Bastos, 2017).

Bastos (2017), considera que este é o mais completo levantamento sobre drogas já realizados em território nacional. É a primeira vez que um inquérito sobre o uso de drogas no país consegue alcançar abrangência nacional, sendo representativo inclusive de municípios de pequeno porte e de zonas de fronteira. Os entrevistados responderam a questões quanto ao uso, o abuso e a dependência de numerosas substâncias: tabaco, álcool, cocaína, maconha, crack, solventes, heroína, ecstasy, tranquilizantes benzodiazepínicos, esteroides, anabolizantes, sedativos barbitúricos, estimulantes anfetamínicos, analgésicos opiáceos, anticolinérgicos, LSD, quetamina, chá de ayahuasca e drogas injetáveis. Outros questionamentos tinham relação com violência (perpetrada ou sofrida), a percepção sobre o risco do uso de drogas e a opinião dos entrevistados sobre políticas públicas para a área. Além disso, eles responderam a perguntas gerais sobre saúde e a informações sociodemográficas.

Para ser representativo da população brasileira de 12 a 65 anos, o 3º Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas definiu seu plano amostral a partir de critérios metodológicos semelhantes aos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE. A percepção do brasileiro quanto às drogas atrela mais risco ao uso do crack do que ao álcool: 44,5% acham que, o primeiro é a droga associada ao maior número de mortes no país, enquanto apenas 26,7% colocariam o álcool no topo do ranking. Mas os principais estudos sobre o tema, como a pesquisa de cargas de doenças da Organização Mundial de Saúde, não deixam dúvidas: o álcool é a substância mais associada, direta ou indiretamente, a danos à saúde que levam à

morte (Bastos, 2017). Tanto o álcool quanto o crack, porém, representam grandes desafios à saúde pública. Os jovens brasileiros estão consumindo drogas com mais potencial de provocar danos e riscos, como o próprio crack. Além disso, há uma tendência ao poliuso (uso simultâneo de drogas diferentes).

Portanto, não se trata de a droga ser lícita ou ilícita, o consumo de uma substância que altere a consciência é um reflexo da sociedade contemporânea, trazendo essa sensação de prazer, amparo ou até mesmo divertimento, fazendo com que essas substâncias se tornem uma válvula de escape. Chamadas de drogas ou medicamentos – de acordo com a conveniência das relações de poder – alguns desses componentes podem lesar, de acordo com a relação que é estabelecida pelos sujeitos na atualidade (Sanare, 2017).

Toxicomania e Pulsão

Diante disso, podemos pensar, sobre um olhar psicanalítico que este mal-estar predominante na atualidade, faz referência a um desejo que se tornou insaciável (Sissa, 1999). Não barrado no Outro primordial, esse desejo se transforma em dependência. Os entorpecentes fazem com que o sujeito se torne passivo diante de um objeto que o escraviza por ser alvo do desejo que não encontrou alívio ou fonte de descarga no organizador psíquico, que é o significante Não. A droga, então, poderia ser pensada como uma representação substitutiva do Outro primordial que condena o sujeito ao lugar de subordinação e passividade diante do objeto. Este lugar, para Conte e Hausen (2009), é um representante do mal-estar que se instala e que evidencia subjetividades dotadas de vazios representacionais, empobrecidas de recursos que permitam dar destinos possíveis para a pulsão.

Diante da angústia, o único recurso que o toxicômano admite é o do anestesiamento através da droga, definida por Freud como um "amortecedor de preocupações" (1930 [1929]/1996, p. 85), e que atua sobre o mal-estar da cultura.

A satisfação pulsional no uso da droga é essencialmente autoerótica e masoquista, pois prescinde do Outro e dos objetos do mundo externo enquanto se realiza mantendo o investimento libidinal no próprio Eu. O uso da droga entra neste ciclo consagrando ainda mais o autoerotismo, pois sujeito e droga se bastam. Os demais objetos tornam-se coadjuvantes em sua vida (Vianna, 2014).

Nesses casos, o sujeito oscila entre momentos de euforia e de depressão, podendo haver um estado de excitação que caracteriza um “tudo ou nada”, “agora ou nunca” (Olivenstein, 1985). Pode-se aferir que em algumas situações, o momento pós-intoxicação é visto como o

mais doloroso e difícil de ser vivenciado. Culpa, necessidade de punição, vergonha, medo, angústias, ideações e tentativas de suicídio são algumas das vivências que a pessoa pode experimentar sem a droga.

É possível argumentar que o desprazer e a dor surgem com a falta da droga. Contudo, não se pode esquecer que a falta é o segundo tempo de um mesmo fenômeno. Nesse sentido, Gurfinkel (1996) destaca o trabalho da pulsão de morte:

No primeiro tempo, o encontro com a droga é a explosão do prazer, enquanto que o “tempo do pavor” surge com o domínio da compulsão repetitiva; e se a pulsão de morte realiza o seu trabalho silenciosamente, é na falta da droga que o toxicômano pode vislumbrar os seus efeitos: agora é o pavor. Quando a toxicomania se instala, toda a busca de drogas passa a ser motivada pela tentativa de afastar este pavor – ou o “horrrível” – que a sua falta provoca; a busca positiva de prazer acaba sendo secundária diante de uma busca, agora urgente e compulsiva, de caráter negativo (Gurfinkel, 1996, p. 211).

O aparelho psíquico é regulado pelo princípio de prazer, que busca evitar o desprazer ou produzir um sentimento de prazer (Freud, 1920). No entanto, a tese na qual o prazer está relacionado à diminuição da tensão e o desprazer ao seu aumento, mostra-se insuficiente para dar conta das complexidades dos processos mentais. Com isso, Freud (1920) alega que seria incorreto atestar que há uma predominância do princípio de prazer no aparelho psíquico, embora possamos dizer que haja uma tendência nesse sentido que é frequentemente contrariada por certas forças pulsionais. Freud ilustra esse fenômeno através da repetição dos sonhos na neurose traumática que reencenam o trauma, contrariando o princípio de prazer e a função de preservação do sono que Freud também atribui aos sonhos, pois ao produzirem desprazer despertam o sujeito. Os sonhos traumáticos persistem e contrariam o princípio de prazer porque a pulsão insiste.

Freud (1920) atribui a compulsão à “repetição ao recalçado”, o que explica a sua contradição: embora provoque desprazer para o sistema consciente, a compulsão à repetição satisfaz o sistema inconsciente. Por servir como um veículo para a pulsão de morte, as manifestações da compulsão à repetição revelam uma atração pelo sofrimento, que pode ser referida ao sentimento de culpa.

Para Garcia-Roza (2003), a repetição nada mais é do que a atualização do material recalçado através da atuação. Essa atualização não é reproduzida como lembrança, mas como

ação. A repetição não é percebida pelo sujeito enquanto tal em função do seu mecanismo defensivo inconsciente, pois caso fosse reconhecida perderia a sua eficácia.

Já a autora Inem (2004), enfatiza que o toxicômano realiza um fazer em detrimento do dizer em sua tentativa de tamponar a falta causada pela castração, operando uma narcose do desejo. Para a autora, durante o uso de drogas o sintoma se apresenta em sua vertente de gozo, cuja insistência pulsional obriga o sujeito a repetir o impossível de ser articulado na cadeia significativa. No entanto, a angústia sempre retorna para ele, evocando a castração.

Assim, ao mesmo tempo em que visa a suspensão diante do sofrimento, a ingestão da droga, como forma de auto aniquilamento, é correlativa à castração, pois inscreve o lugar da falta no corpo, o que faz do toxicômano “prisioneiro desse significante que falta” (Bittencourt, 1990, p. 77).

Em um artigo posterior, Bittencourt (2006) assinala que o masoquismo se apresenta na satisfação pulsional do sofrimento, enquanto o sujeito se coloca como objeto de gozo. Nesta medida, o ato toxicomaníaco como um sacrifício masoquista do corpo visa atingir o Outro, a fim de restituir um lugar de onde possa emergir enquanto sujeito desejante. Em contrapartida, ao se colocar na posição de dejetivo, o toxicômano perpetua sua condição de desamparo. Não obstante, a alternativa erigida através do artifício da droga, como vimos na articulação com a inibição, consiste em um arranjo para conferir uma certa organização ao vazio, ainda que precária. Tendo em vista que o desejo do Outro nas toxicomanias consiste em um desejo de morte, resta-lhe o sacrifício do corpo como um meio de se fazer existir. A drogadição consiste em um método de subtração do sujeito do intercâmbio simbólico e produz uma separação, ainda que precária, no que diz respeito aos efeitos da operação de alienação significativa: na intoxicação não há um morto, mas um dar-se por morto. “O toxicômano degrada o seu corpo e o reduz à miséria de sua servidão orgânica” (Braunstein, 2007, p. 280).

Já Vianna, em seus estudos em 2011, ressalta que a suspensão frente à angústia e ao desejo através do uso da droga se aproxima da concepção de uma força que conduz o indivíduo para o estado inorgânico, metáfora utilizada por Freud (1930[1929]/1996) ao se referir à pulsão de morte. A destituição de si mesmo enquanto sujeito desejante que deriva do ato de se drogar, é o que aponta para as adições como um artifício a serviço da pulsão de morte.

Este recurso se apresenta como resposta às exigências que advém do ideal do Eu. Essa instância é a responsável por apontar os caminhos que conduzem o sujeito em sua eterna busca de aproximar-se de seu Eu ideal, que promoveria a satisfação narcísica. Assim, quando a angústia provocada pelas exigências do ideal do Eu torna-se insustentável, o sujeito recorre às drogas para anestesiá-lo. Até um certo limiar, a angústia coloca o sujeito em movimento.

Contudo, quando esse limiar é ultrapassado o sujeito esbarra em um ponto de impedimento onde se aprisiona à droga (Vianna, 2011).

Sobre os usuários de drogas, Aulagnier (1985) escreve que ele goza das representações e pensamentos que atribui às drogas. Ou seja, o seu gozo não diz respeito diretamente ao desejo sexual em função do superinvestimento na droga, que exclui do espaço psíquico outros pensamentos com finalidade sexual. Assim, a demanda de um prazer sexual dirigida ao Eu do Outro é silenciada, em proveito de um prazer que depende somente do próprio sujeito, o que aponta para uma clivagem entre o sexual e o narcísico.

Vianna (2011) considera que ainda que aparentemente de forma contraditória, o usuário busca ser escutado através de seu ato transgressor. Contudo, assim como a Lei paterna, a droga também fracassa e o apelo proferido no ato transgressor pode não ser reconhecido. Nesse sentido, é preciso caminhar aquém da urgência imposta pelo sujeito, para que seja possível levantar a questão sobre o que o sustenta no seu lugar de usuário, uma vez que esse lugar o conduz inevitavelmente à frustração, pois o circuito da droga o lança novamente à angústia sempre que a abstinência se impõe para preservar a sua vida.

Conforme o autor Vianna (2011) detalha em seu estudo inspirado nas leituras dos textos de Freud, na maioria dos casos de compulsão à droga é possível notar que o indivíduo visa se esquivar da questão que norteia o seu desejo, e do mal-estar que advém do encontro com o social. Por esse motivo, rompe com o laço social através do ato transgressor. Não obstante, a transgressão exprime um apelo à função paterna para que opere um corte na relação destrutiva com a substância. Nessa medida, a compulsão designa um meio de atrair a atenção para o sofrimento em que o sujeito se encontra, impossibilitado de operar outro modo de resposta, como o sintoma, que viabilize a elaboração do que é da ordem do intolerável, a droga se apresenta como um recurso de suspensão diante do sofrimento, ao mesmo tempo em que exprime um apelo ao pai.

O conceito de pulsão sofre uma modificação na obra freudiana que desencadeará em um novo dualismo pulsional: “a pulsão de vida e a pulsão de morte, que correspondem a dois aspectos complementares da pulsão”. A pulsão de vida refere-se à construção no nível da atividade pulsional, buscando combinar indivíduos, famílias, povos, em uma unidade (Rudge, 1998). Já a metáfora em questão na pulsão de morte sugere uma tendência à dissolução do Eu, visando o retorno do funcionamento do aparelho psíquico sob o regime do processo primário. A pulsão de morte veio dar um lugar teórico ao poder de uma pulsão destrutiva ou agressiva na vida psíquica (Rudge, 1998).

Assim é estabelecido o campo da destrutividade do homem, como um verdadeiro tema de interesse clínico, que foi impulsionado pelos casos de neuroses traumáticas, manifestações masoquistas, reação terapêutica negativa e auto ataques analisados por Freud. O sadismo presente na pulsão sexual é atribuído, a partir desse novo dualismo, à pulsão de morte (Vianna, 2014).

Lacan afirma que a distinção entre pulsão de vida e pulsão de morte é verdadeira, “na medida em que manifesta dois aspectos da pulsão” (Lacan, 1964/1979, p.243) ou que “toda a pulsão é virtualmente pulsão de morte” (Lacan, 1960/1998, p.863). Pois segundo seus estudos, a pulsão de morte contém dentro de si as pulsões de vida, sexuais, de auto conservação e as demais gregárias. Sendo toda a pulsão virtualmente pulsão de morte e sendo esta pulsão de morte um processo fundamental onde ruína e criação se articulam conjuntamente, os sujeitos da contemporaneidade, são animados por uma pulsão onde destruição e construção se articulam para assim dar conta das funções mentais do sujeito.

Lacan em seu Seminário II (1954 [1955]/ 1985), procura uma clarificação da relação que a pulsão de morte mantém com o princípio de prazer, ou então uma diferenciação entre a com-pulsão de repetição e a pulsão de morte. Segundo o autor uma repetição natural não é oriunda de uma pulsão de morte, mas do princípio de prazer, e uma pulsão de morte implica uma repetição que contraria uma ordem natural das coisas e o seu princípio de prazer. Se, por um lado, o uso da droga está relacionado com a busca de um prazer intenso; por outro, mostra uma proximidade com a regressão e com a destrutividade. Aqui, identificamos uma mistura clara de prazer e desprazer; de excitação e de uma busca de estado de eliminação das tensões e conflitos, próximo do estado do princípio de Nirvana.

Lacan em seu Seminário VII de (1959[1960]/1997), vai manter esta posição do Seminário II de (1954 [1955]/1985), atribuindo à pulsão de morte não só um carácter não-natural e destruidor, mas fazendo da pulsão de morte a pulsão por excelência, o que abre então a via à concepção de um “gozo” destruidor que se situa para lá de todo o princípio de prazer. Toda a pulsão humana, pelo simples fato de não se reduzir nunca a um instinto natural, estaria, portanto, exposta à tentação de transgredir os limites do princípio de prazer (Lacan, 1959 [1960]/1997).

Com isso, Aulagnier (1985) ressalta que, a satisfação proveniente da pulsão de morte não depende de um objeto, mas de um ato. Ou seja, é a única pulsão efetivamente autônoma, ao contrário da pulsão de vida que necessita investir em objetos para alcançar satisfação. A pulsão de morte se manifesta como resposta ao sofrimento engendrado pelo excesso de trabalho psíquico vivido pelo sujeito na atualidade.

Considerações Finais

Tendo em vista os aspectos mencionados, é fato que as drogas oferecem um prazer que é desfrutado pelos homens a milênios. O consumo e abuso de substâncias psicoativas é amplo e complexo, pois envolve dimensões políticas, psíquicas, sócio-históricas, biológicas, culturais, antropológicas e econômicas. Contudo com a mudança do contexto histórico, também mudam os modos que as drogas são utilizadas, mudam os efeitos por elas provocados e os significados sociais de seu uso. Na atualidade, seu consumo, devido as novas demandas sociais, ganhou um novo viés, que entrelaça a promessa de completude, amparo e felicidade, fazendo com que o usuário acredite que irá livrar-se da falta, do vazio e da confrontação com o Outro.

A contemporaneidade nos apresenta uma sociedade de consumo, alienando o sujeito na busca por falsos desejos. Assim os desejos alienados, quando realizados, se tornam rapidamente substituídos por outros, através do ritmo obcecado do consumismo. Os indivíduos da sociedade contemporânea são orientados pela sensação de falta, isso faz com o que o uso de drogas vire um problema em alguns casos, já que na contemporaneidade, onde impera a lógica capitalista, há uma valorização muito grande do consumo, assim a droga ocupa um lugar perigoso na subjetividade de alguns indivíduos, fazendo com que a realidade, em muitos casos, seja insuportável sem algo para anestesia-la.

O desejo de tentar amenizar aspectos desta realidade tem por trás a pulsão de conservação da vida e do Ego. Seja por necessidade ou entretenimento, a urgência de amenizar o desprazer faz com que essas pulsões bloqueiem o que traz sofrimento, diminuindo assim as preocupações e pressões sociais. O que leva cada pessoa a escolher e se vincular a drogas depressoras, perturbadoras ou estimulantes diz de sua história de vida e de suas dores.

A suspensão da angústia frente ao desejo através do uso da droga se aproxima da concepção de uma força que conduz o ser vivo para o estado inorgânico, metáfora utilizada por Freud (1920 [1996]) ao se referir à pulsão de morte. A destituição de si mesmo enquanto sujeito desejante e a degradação do próprio corpo implicados no uso abusivo da droga é o que aponta para as toxicomanias como um artifício a serviço da pulsão de morte.

A pulsão de morte, neste contexto, se manifesta como resposta ao excesso de sofrimento produzido pelo excesso de trabalho psíquico vivido pelo sujeito na sociedade atual, esse recurso se apresenta como uma possibilidade de resposta às exigências que advém do ideal do Eu. Essa instância é a responsável por apontar os caminhos que conduzem o sujeito em sua eterna busca de aproximar-se de seu Eu ideal, que promoveria a satisfação narcísica. Assim, quando a angústia provocada pelas exigências do ideal do Eu torna-se insustentável, ou quando a

avaliação que faz de si mesmo leva-o a se odiar, o sujeito recorre às drogas para anestesiá-lo. Até certo limiar, a angústia coloca o sujeito em movimento. Contudo, quando esse limiar é ultrapassado o sujeito esbarra em um ponto de impedimento onde se aprisiona.

Por fim, no contexto atual, podemos observar um aspecto totalitário do desenvolvimento da sociedade, que não tolera uma valorização que não seja a da completa adequação a um projeto de crescimento econômico, onde a existência dos indivíduos se encontra alicerçada na fé que determina a convicção de que esse desenvolvimento é promissor. Na atualidade, toda essa performance atribuída ao sujeito contemporâneo - estas como respostas existenciais às demandas socioculturais de nossos dias - causam seu próprio “mal-estar”, exigindo que o sujeito crie seus mecanismos de escape dessa realidade crua e cotidiana.

Levando-se em consideração esses aspectos, este ensaio teórico aponta para uma compreensão sobre os aspectos da relação em saúde e droga num percurso histórico, que perpetua na contemporaneidade uma condição comercial. Este artigo atingiu seu objetivo de discutir questões sobre o modo de vida na sociedade atual e sua possível relação com a adição, a partir de uma ótica teórico-psicanalítica, apontando os aspectos sociais da relação entre a contemporaneidade e a adição na atualidade.

Referências

- Aulagnier, P. (1985). *Os Destinos do Prazer. Alienação, Amor, Paixão*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bastos, F. I. P. M. (2017). *III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ICICT.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Birmam, J. (2005). *Mal-Estar na Atualidade: A Psicanálise e as Formas de Subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bittencourt, L. (1990). Toxicomania e masoquismo. *Agenda de Psicanálise 2 - O corpo na psicanálise*. Rio de Janeiro: Dumará, p. 74-78.
- Bittencourt, L. (2006). Fantasma e final de análise: uma leitura. In: *O campo do gozo*. Revista da Escola Letra Freudiana – Ano XXV – no. 37. p. 151 – 160.
- Braunstein, N. (2007). *Gozo*. São Paulo: Escuta. p 280.
- Carneiro, H. (2010). Breve Histórico do uso de Drogas. In: Seibel, S. D. *Dependência de Drogas*. São Paulo. Ed Atheneu. p. 11-26.
- Carvalho, H. B. (2010). *Dependência de Drogas*. São Paulo. Ed Atheneu. p. 547-570.
- Conte, B. & Hausen, D. (2009). Pathos, o Assujeitamento Quando Falta a lei, *Textura*. n.8, 9-13
- Debord, G. (1997). *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Escohotado, A. (1998). *A História General de las Drogas*. Madrid: Espanha.
- Freud, S. (1920). Além do Princípio do Prazer, in *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVIII, p. 11-78.
- Freud, S. (1924). O Problema Econômico do Masoquismo, In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX, p. 173-188.
- Freud, S. (1926 [1925]). Inibições, Sintomas e Ansiedade, in *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XX, p. 79-172.
- Freud, S. (1930 [1929]). O Mal-estar na Civilização, in *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXI, p. 65-148.
- Freud, S. (1937). Análise Terminável e Interminável, in *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXIII, p. 223-270.

- Garcia-Roza, L.A. (2003). *Acaso e Repetição em Psicanálise. Uma Introdução à Teoria das Pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Gurfinkel, D. (1996). *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*. Petrópolis: Vozes.
- Inem, C. L. (2004). *Corpo em Evidência, Corpo de Gozo*. (orgs). *Retorno do Exílio. O Corpo Entre a Psicanálise e a Ciência*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 89-94.
- Lacan, J. (1948). *Agressividade em Psicanálise*. In *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- Lacan, J. (1954 –1955). *O seminário, livro 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- Lacan, J. (1959 – 1960). *O seminário, livro 7: A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- Lacan, J. (1960). *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998.
- Lacan, J. (1964). *Seminário, livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- Lasch, C. (1983). *A Cultura do Narcisismo: A Vida Americana numa era de Esperanças em Declínio*. Rio de Janeiro: Imago.
- Olievenstein, C. (1985). *Destino do toxicômano*. São Paulo: Almed.
- Pereira, D. R., & Migliavacca, E. M. (2014). *Aspectos da Compulsão à Repetição na Toxicomania*. *Cadernos de Psicanálise (Rio de Janeiro)*, 36(30), 71-87.
- Reis, F. F. S. (2015). *Sem Passado e Sem Futuro: O Consumo de Drogas na Sociedade Contemporânea*. 2015. 110f. *Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo*.
- Rudge, A.M. (2006). *Pulsão De Morte como Efeito do Supereu*, in *Revista Ágora*. Rio de Janeiro: Contracapa. IP/UFRJ, vol.IX, no.1, janeiro a junho de 2006, p. 79-89.
- Rudge, A.M. (1998). *Pulsão e Linguagem. Esboço de uma Concepção Psicanalítica Do Ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; Supervisão da Edição Brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar.
- Sanare, S. (2017). *Suplemento n.01, p.35-41. - V.16*.
- Santos, L. A. R. (2002). *Psicanálise e educação: um olhar sobre a criança-consumidora e a escola nos dias atuais*. *Pulsional Revista de Psicanálise*, v. 15, n. 155, p. 74-76.

- Salim, A L. D., & Santos, E. F. (2018). Toxicomania e Pulsão. *Psicanálise & Barroco em revista* | v.16, n. 02 | dezembro.
- Sissa, G. (1999). *O prazer e o mal: A filosofia da droga*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Stacechen, F., & Bento, S. (2008). Consumo Excessivo e Adicção na Pós-modernidade: Uma Interpretação Psicanalítica. *Fractal: Revista de Psicologia*, 20(2), 421-435.
- Tavares, L.A.T. (2010) *A Depressão como “Mal-estar” Contemporâneo: Medicalização e (ex)-Sistência do Sujeito Depressivo*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica. 371 p. ISBN 978-85-7983113-3.
- Vianna, A.G. (2011). A Droga a Serviço da Pulsão de Morte. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 12, mai a out.
- Vianna, A.G. (2014). A Aliança do Supereu com a Pulsão de Morte no Uso de Drogas. *Tempo Psicanalítico*, 46(2), 299-314. Recuperado em 14 de abril de 2019.